



Cultura visual contemporânea: Análise do disco Amazônia do Quinteto

Violado¹

Aldrin Bentes PONTES²

Clifton Correia MORAIS³

Universidade de Gurupi - UNIRG

RESUMO

Este relato de experiência analisa a relação entre estética, comunicação e cultura visual, tendo como estudo de caso o álbum Amazônia, lançado em 1980 pelo grupo Quinteto Violado. A investigação busca compreender de que forma a imagem da capa do disco, aliada ao conteúdo musical, constrói sentidos culturais e ambientais, dialogando com os debates da época e permanecendo atual na era digital. O estudo adota uma abordagem teórico-crítica, apoiada em autores como Walter Benjamin, Marshall McLuhan, Lúcia Santaella e Luiz Beltrão, além de uma análise semiótica e contextual do projeto gráfico do disco. Destaca-se, ainda, o conceito de folkcomunicação, que ajuda a interpretar o papel do Quinteto Violado como mediador entre tradição popular e indústria cultural.

Palavras-chave: Estética; Cultura visual; Folkcomunicação; Música brasileira; Amazônia.

INTRODUÇÃO

A relação entre arte, comunicação e cultura tornou-se cada vez mais relevante na sociedade contemporânea, marcada pela predominância da imagem e pela circulação incessante de conteúdos visuais em meios digitais. Essa “virada imagética”, como a define Mirzoeff (2016), transformou profundamente a forma como produzimos,

¹ Relato de Experiência apresentado no GT Pesquisa na Graduação no Encontro Regional Norte e Centro-Oeste de Ensino de Jornalismo (Erejour Norte e Centro-Oeste).

² Acadêmico de Jornalismo da Universidade de Gurupi – UnirG. e-mail: aldrinpontes@gmail.com

³ Professor do Curso de Jornalismo da Universidade de Gurupi - UnirG. email: clifton.morais@gmail.com



consumimos e interpretamos informação. Nesse contexto, o estudo de artefatos culturais que combinam som e imagem revela-se uma oportunidade rica para compreender os modos de construção de identidade e de mediação simbólica.

O presente trabalho, desenvolvido como parte das atividades da disciplina Estética, Comunicação e Cultura do curso de Jornalismo da UnirG, analisa o álbum Amazônia (1980), do Quinteto Violado, grupo nordestino que se destacou por criar uma sonoridade que une música de câmara e ritmos regionais, aliando pesquisa etnomusicológica e engajamento social. A capa do disco é tratada aqui não apenas como um recurso gráfico ou elemento ilustrativo, mas como parte integrante da experiência estética proposta pelo grupo.

Ela funciona como um convite visual para a imersão no universo temático do álbum, que celebra a floresta amazônica e seus povos, ao mesmo tempo que chama atenção para os riscos que ela enfrenta diante da exploração econômica e das ameaças ambientais. Ao investigar essa relação entre som e imagem, busca-se compreender como a cultura visual é capaz de transmitir narrativas ambientais e identitárias, mobilizando símbolos que ativam a memória coletiva e produzem engajamento social. Além disso, o estudo discute de que forma o Amazônia se insere na lógica da folkcomunicação, conceito que explica a circulação de mensagens que partem das classes populares, mas são traduzidas e difundidas de modo a dialogar com públicos amplos, incluindo aqueles alcançados pelos meios de comunicação de massa.

Estética e experiência cultural

A estética, como observa Eagleton (2010), é um campo de reflexão sobre a sensibilidade e o belo, abrangendo tanto manifestações eruditas quanto populares. Walter Benjamin (1994) acrescenta que, na era da reprodutibilidade técnica, a obra de arte perde parte de sua “aura”, mas ganha em alcance e possibilidade de difusão.

A capa de um disco participa dessa lógica: ela é reproduzida em milhares de cópias, mas ainda carrega um valor simbólico e sensorial. O ato de abrir o LP, observar a



capa, retirar o vinil da embalagem e colocá-lo na vitrola cria uma experiência estética singular, na qual som e imagem são indissociáveis.

Marshall McLuhan (1964) cunhou a célebre máxima de que “o meio é a mensagem”, destacando o papel do suporte na experiência comunicativa. No caso do LP, o suporte físico condiciona a maneira de ouvir e de interagir com a música, tornando a capa parte do ritual de fruição. Para Santaella (2012), a leitura crítica de imagens é fundamental para decodificar os sentidos que circulam socialmente.

Mirzoeff (2016) reforça que vivemos uma “cultura visual”, em que imagens são o principal meio de produção de sentido. Assim, compreender a capa do Amazônia é também compreender o discurso que ela produz sobre a floresta e sobre a identidade brasileira.

Folkcomunicação e o Quinteto Violado

O conceito de folkcomunicação, desenvolvido por Luiz Beltrão (1980), refere-se aos processos comunicacionais oriundos das classes populares que preservam e adaptam tradições culturais. Ao gravar um álbum sobre a Amazônia e distribuí-lo em escala nacional, o Quinteto Violado age como mediador entre cultura popular e indústria fonográfica, traduzindo saberes tradicionais em linguagem acessível a públicos diversos. Fundado em Recife em 1971, o Quinteto Violado sempre se destacou pela proposta inovadora de reinterpretar ritmos regionais com arranjos sofisticados.

O grupo tornou-se referência por sua capacidade de unir pesquisa etnomusicológica, virtuosismo instrumental e preocupação social. O álbum Amazônia, lançado em 1980, surge num momento de efervescência política e cultural no Brasil. As questões ambientais começavam a ganhar visibilidade, e a música popular tinha papel importante no debate público. A obra se propõe a celebrar a floresta e seus habitantes, ao mesmo tempo em que denuncia ameaças, o que torna sua capa ainda mais significativa.

Análise estética da capa

A capa de Amazônia apresenta composição marcada por cores vibrantes e traços que lembram xilogravura, remetendo às raízes populares do grupo. O verde predomina, simbolizando a vegetação; o azul evoca os rios; e o amarelo remete ao sol e à vitalidade da região amazônica. A tipografia utilizada possui linhas sinuosas, que sugerem movimento, remetendo ao curso dos rios amazônicos.



Imagem 01 – Capa do LP (Foto: Aldrin Pontes)

A disposição dos elementos cria sensação de profundidade, convidando o observador a “entrar” na floresta. Sob a ótica da semiótica, existem ícones, símbolos e índices:



Tabela 01 – Análise do Álbum

Ícones	Representações figurativas da fauna e flora
Símbolos	Cores associadas à natureza e à esperança
Índices	Composição que aponta para a ideia de abundância e mistério

Fonte: Elaborado pelo Autor (2025)

Diante desse contexto, a análise das faixas do álbum demonstra que cada música do disco reforça a narrativa visual proposta pela capa. Deste modo, a sequência das faixas cria narrativa coerente, em que som e imagem se complementam, gerando experiência estética completa. O Amazônia é um exemplo clássico de folkcomunicação, pois articula elementos da cultura local em linguagem que alcança o público nacional. Ele cumpre papel educativo e político, sensibilizando para a preservação da floresta e para a valorização de sua gente.

Beltrão (1980) argumenta que a folkcomunicação funciona como “voz dos marginalizados”, permitindo que temas pouco explorados nos meios de massa alcancem visibilidade. O disco cumpre exatamente essa função, traduzindo o universo amazônico para além das fronteiras regionais.

Cultura visual na era digital

Na atualidade, o álbum Amazônia está disponível em plataformas digitais⁴, onde a capa aparece reduzida a um pequeno ícone. Isso altera a experiência sensorial, mas amplia o alcance da obra, permitindo que novas gerações tenham contato com seu conteúdo. As redes sociais possibilitam ressignificações criativas: fãs produzem releituras gráficas da capa, compartilham trechos de músicas e criam conteúdos que mantêm viva a memória do álbum. Isso exemplifica o conceito de “cultura da convergência” de Jenkins (2009), em que o público deixa de ser apenas consumidor e passa a ser produtor de significados.

Cabe ressaltar ainda o papel dos algoritmos na mediação dessa experiência. Plataformas como Spotify ou YouTube utilizam mecanismos de recomendação que

⁴ Álbum Amazônia. Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/track/3sFaLIJYqYvT2ftb4eGOEF>> Acesso em 15 set. 2025.



podem projetar o álbum para ouvintes interessados em música regional, cultura popular ou temas ambientais, funcionando como novos “curadores digitais”. Ao mesmo tempo, há o risco de que essas obras fiquem restritas a nichos e não atinjam o grande público, caso os algoritmos priorizem conteúdos mais comerciais. Esse é um desafio contemporâneo para a preservação da diversidade cultural.

Além disso, a era digital intensificou a circulação de narrativas visuais colaborativas. A estética do álbum é frequentemente retomada em posts de conscientização ambiental, exposições virtuais e até em memes de cunho político, mostrando como sua simbologia permanece atual. Esse processo fortalece o que Jenkins (2009) chama de “inteligência coletiva”: a apropriação criativa da obra por diferentes comunidades que a reconfiguram, reinterpretam e mantêm viva no imaginário social.

Considerações Finais

A análise do álbum Amazônia se tornou referência como atividade complementar à disciplina do curso de Jornalismo: Estética, Comunicação e Cultura. O LP evidencia que som e imagem, quando articulados, produzem narrativas potentes sobre identidade e território. A capa do disco, longe de ser mero adorno, constitui dispositivo comunicativo que traduz a proposta estética do grupo e promove engajamento cultural. Em tempos de crise ambiental e proliferação de imagens digitais, visitar a obra do Quinteto Violado é também um ato político e educativo. Sua música permanece atual, e sua capa continua a provocar reflexões sobre a relação do homem com a natureza.

O LP, portanto, pode ser interpretado como um ato de comunicação complexa, no qual a música, a imagem e o contexto histórico se entrelaçam para produzir significados. Essa integração é coerente com o conceito de folkcomunicação de Beltrão (1980), que entende a mediação cultural como ponte entre a tradição popular e o público de massa. Ao tematizar a Amazônia, o Quinteto Violado faz circular narrativas que valorizam o homem da floresta, seus saberes e seus modos de vida, rompendo com a invisibilidade frequentemente imposta pelas mídias hegemônicas.



REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A Comunicação dos Marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. São Paulo: Unesp, 2010.
- GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Estetização do Mundo: Viver na Era do Capitalismo Artístico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.
- MIRZOEFF, Nicholas. *How to See the World*. London: Pelican, 2016.
- NAPOLITANO, Marcos. **Seguindo a Canção: Engajamento Político e Indústria Cultural na MPB (1959-1969)**. São Paulo: Annablume, 2010.
- SANTAELLA, Lúcia. **Estética de Pluralidade**. São Paulo: Paulus, 2012.
- SEVERIANO, Jairo. **A Canção no Tempo: 85 anos de músicas brasileiras**. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- VIANNA, Hermano. **O Mistério do Samba**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.